

# NOTA ECONÔMICA Nº16



## Indústria se recupera da crise, mas de forma heterogênea

Em setembro de 2020, a indústria de transformação reverteu totalmente toda a queda acumulada em março e abril de 2020. Em abril, a produção da indústria de transformação (PIM-PF/IBGE) estava 31,3% abaixo do registrado em fevereiro.

A partir de maio, foram cinco altas consecutivas. A alta na passagem de agosto para setembro foi de 3,9%, que levou a produção industrial a situar-se 1,1% acima do registrado em fevereiro de 2020, ou seja, antes do choque trazido pela pandemia de Covid-19.

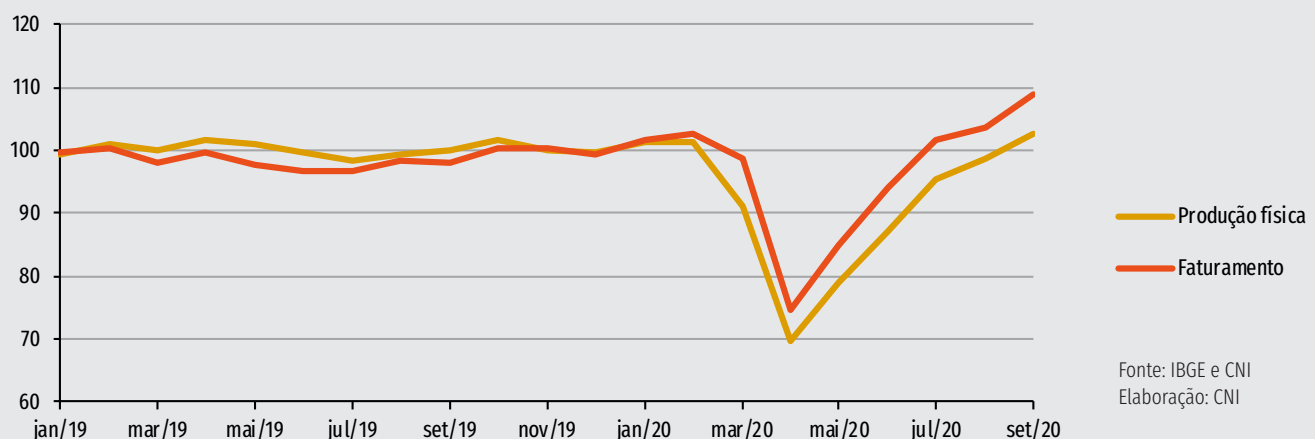
O faturamento da indústria de transformação também já superou o patamar anterior à crise. De fato, até mais cedo que a produção. Em agosto, o índice de faturamento real dessazonalizado do **Indicadores Industriais** da CNI ultrapassou o valor registrado em fevereiro.

Após queda em março e abril, o faturamento ficou 24,6% abaixo do registrado em fevereiro. A partir de então a recuperação foi rápida. O faturamento real de setembro de 2020 é 6,1% superior ao registrado em fevereiro.

Em ambos os casos – produção e faturamento –, a média do ano continua abaixo da média de 2019. No acumulado janeiro-setembro, a produção industrial se encontra 8,2% abaixo da média de igual período de 2019. No caso do faturamento, a média está 1,7% inferior ao registrado em igual período de 2019.

**Gráfico 1 - Faturamento real e produção física da Indústria de transformação**

Dessazonalizado - Número índice (Base: Média 2018 = 100)



Nossa expectativa é que produção e faturamento continuem a crescer no quarto trimestre. No entanto, no caso da produção, dificilmente o volume produzido em 2020 supere o de 2019. O faturamento real da Indústria, por sua vez, deverá fechar o ano no positivo, com o valor médio acima do registrado no ano passado.

A diferença entre as evoluções da produção e do faturamento foi influenciada pela estratégia das empresas em minimizar seus estoques, justificada pela forte queda nas vendas em março e abril e pela elevada incerteza. As empresas enfrentaram dificuldades de caixa e acumular estoques aumentaria tais dificuldades<sup>1</sup>. Como retratado pela **Sondagem Industrial** da CNI, desde abril de 2020 a indústria vem mostrando queda em seus estoques, que continuam abaixo do desejado/planejado pelas empresas.

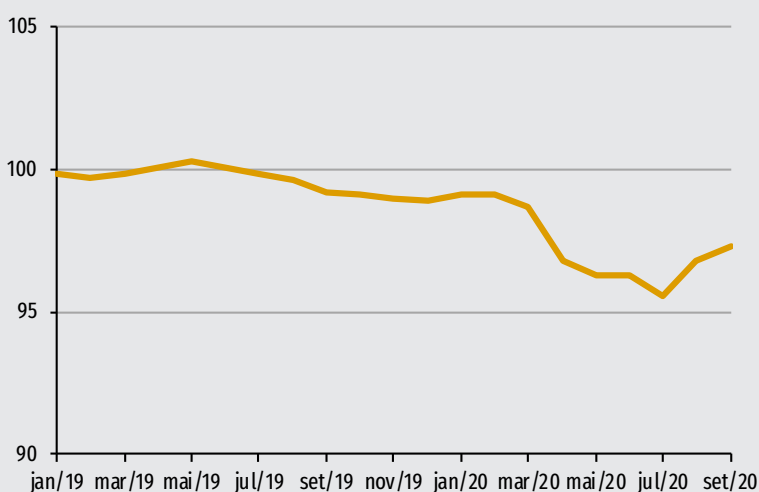
Com a retomada mais rápida que esperada, os baixos estoques contribuíram para intensificar a desestruturação das cadeias de produção. Com capacidade de resposta (ou seja, de aumento da produção) diferentes, as empresas industriais passaram a ter dificuldade de acesso a insumos e matérias-primas e de atender a demanda de seus clientes<sup>2</sup>. Não fosse a dificuldade em se obter insumos e matérias-primas, o crescimento da produção industrial seria ainda maior.

Na esteira da recuperação da atividade industrial, o emprego industrial passou a crescer em agosto. Como usual, há certa defasagem entre a dinâmica da produção e seus efeitos no emprego; especialmente em um cenário tão incerto como o atual.

O emprego caiu de março a julho. Segundo os Indicadores Industriais da

## Gráfico 2 - Emprego da Indústria de transformação

Dessazonalizado - Número índice (Base: Média 2018 = 100)



Fonte: CNI

CNI, após acumular queda de 3,6% em cinco meses, o emprego cresceu 1,3% em agosto e 0,5% em setembro.

Dados do CAGED (Ministério da Economia) mostram que a queda do saldo de emprego formal na indústria de transformação (admissões menos demissões) nos meses de março a junho totalizou 348 mil postos de trabalho. Já em julho o saldo voltou a ser positivo, com criação de 52,8 mil vagas. Nos meses seguintes, foram criados 90 mil postos de trabalho (agosto) e 108 mil (setembro).

Tanto nos Indicadores Industriais como no CAGED, o emprego industrial ainda se encontrava, em setembro, abaixo do nível de fevereiro. No quarto trimestre, o emprego continuará em crescimento, em resposta ao movimento positivo da produção.

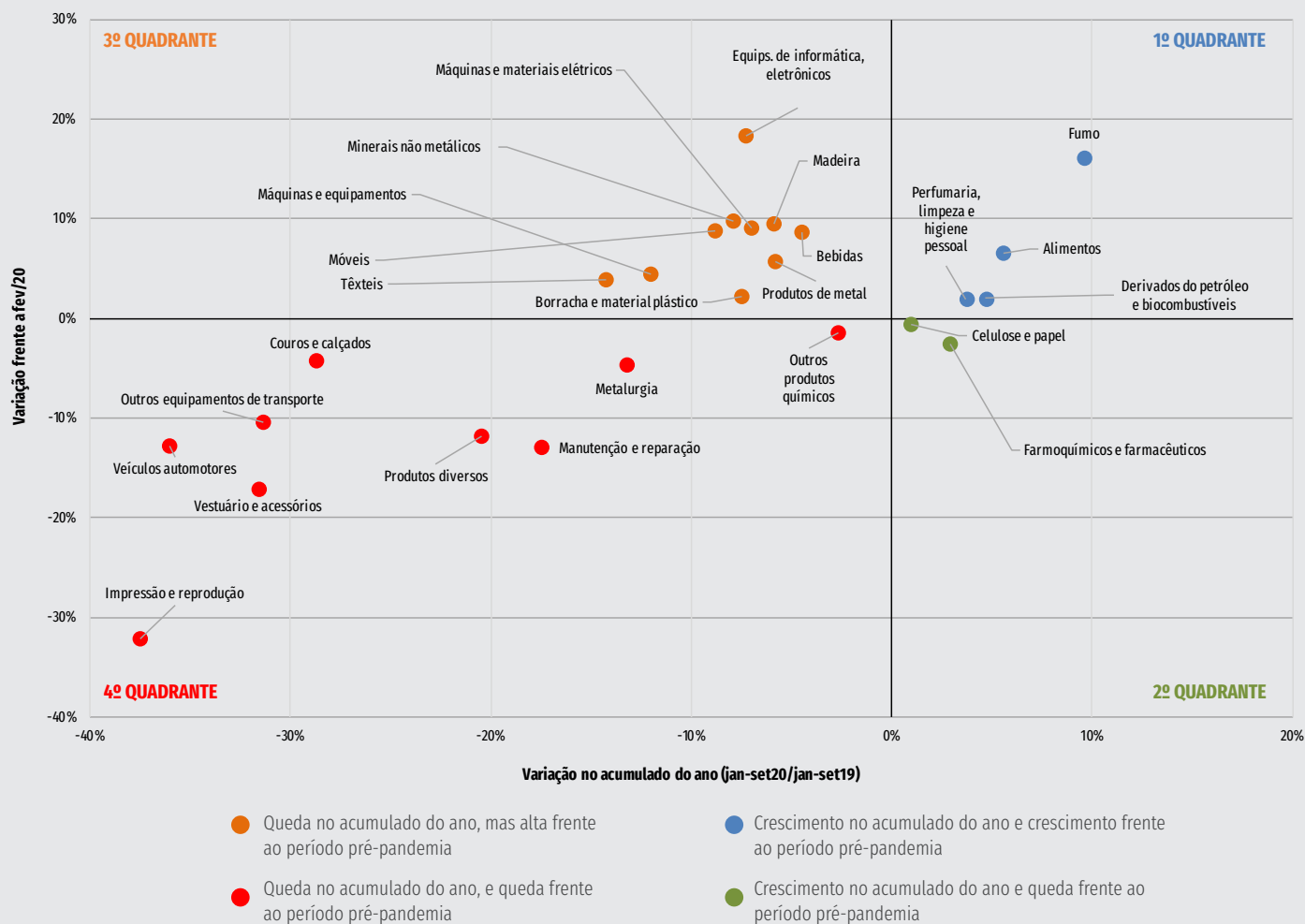
Os efeitos da crise e a recuperação não são uniformes entre os setores de atividade industrial. Alguns setores, como Alimentos, já apresentam um desempenho positivo tanto na comparação com fevereiro como com o acumulado no ano. Outros, como Veículos automotores e Vestuário ainda não conseguiram recuperar o patamar do início do ano.

O gráfico a seguir identifica quatro grupos de setores com base na evolução da produção em 2020.

<sup>1</sup> No momento mais agudo da crise, a demanda estava muito baixa e não havia perspectiva de uma retomada acelerada. Nessa situação, as empresas tendem a manter um nível mínimo de estoque e, assim, deixam de imobilizar recursos que poderiam atender compromissos financeiros de curto prazo. Como a venda de produtos em estoque era supostamente suficiente para atender a baixa demanda, o empresário evitava o custo de aumentar a produção e arriscar nova alta dos estoques.

<sup>2</sup> A CNI realizou Sondagem Especial sobre o tema, que traz informações mais detalhadas sobre o mercado de insumos e matérias-primas e suas consequências. A **Sondagem Especial 78 – Mercado de Insumos e Matérias-primas** está disponível em [www.cni.com.br/sondespecial](http://www.cni.com.br/sondespecial).

Gráfico 3 - Evolução da produção dos setores industriais em 2020



Fonte: CNI com base em dados do IBGE

Nos primeiros dois quadrantes estão os setores cuja produção acumulada em 2020 (janeiro-setembro) supera a do mesmo período de 2019. Ou seja, os setores que não sentiram queda em sua demanda em março e abril (Alimentos e Limpeza e Perfumaria) ou aqueles nos quais o efeito foi bem reduzido (Celulose e papel, Farmoquímicos e farmacêuticos, Derivados do petróleo e biocombustíveis e Fumo).

Nos 1º e 2º quadrantes, estão os setores em crescimento. No 1º, os setores mostram crescimento não só na comparação com fevereiro,

mas também alta no acumulado no ano (janeiro-setembro) na comparação com 2019. São os setores: Fumo, Alimentos, Derivados do petróleo e biocombustíveis, Limpeza e perfumaria. Nesses setores, ou a queda foi menos intensa que no restante da indústria de transformação (Derivados do petróleo e biocombustíveis e Fumo) ou houve alta da demanda – e da produção – mesmo durante o período mais crítico da pandemia (Alimentos e Limpeza e perfumaria).

Os setores do 2º quadrante, Farmoquímicos e farmacêuticos e Celulose e papel, estão com produção inferior à de fevereiro, mas alta no acumulado do ano. Esses setores também não sentiram a queda da demanda como em outros setores da indústria de transformação. Farmoquímicos experimentou crescimento da demanda de alguns produtos, inclusive, com alta de produção em abril. Celulose e papel manteve-se com produção pouco afetada, por conta das exportações.

Os setores dos demais quadrantes (3º e 4º quadrantes) são aqueles cuja produção acumulada (janeiro-setembro) em 2020 se encontra inferior à de igual período de 2019. Todos sentiram fortemente a redução da demanda decorrente das medidas de distanciamento social, que provocou queda da produção, sobretudo em março e abril.

Os setores do 3º quadrante são os setores cuja produção já voltou ao

patamar pré-crise. São setores que mostraram alta na produção significativa, o suficiente para reverter toda a queda acumulada no bimestre março/abril. Mas a queda em março e abril nesses setores foi significativa, de forma que a produção acumulada em 2020 é menor que a de 2019. Destaca-se entre esses setores (dez no total) Equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos, com alta de 18,3% na comparação com fevereiro de 2020.

No 4º quadrante estão os setores de pior desempenho. São nove setores que ainda não retornaram ao nível de produção pré-crise e que a produção acumulada entre janeiro e setembro se encontra abaixo da apurada em igual período de 2019.

**Veja mais**

Mais informações em:

[www.portaldaindustria.com.br](http://www.portaldaindustria.com.br)

Documento concluído em 24 de novembro de 2020.

**NOTA ECONÔMICA** | Publicação da Confederação Nacional da Indústria - CNI | [www.cni.com.br](http://www.cni.com.br) | Diretoria de Desenvolvimento Industrial - DDI | Gerência Executiva de Economia - ECON | Gerente-executivo: Renato da Fonseca | Gerência de Análise Econômica - GAE | Gerente: Marcelo Souza Azevedo | Análise: Marcelo Souza Azevedo e Renato da Fonseca | Coordenação de Divulgação - CDIV | Coordenadora: Carla Gadêlha | Design gráfico: Carla Gadêlha

Serviço de Atendimento ao Cliente - Fone: (61) 3317-9992 email: [sac@cni.com.br](mailto:sac@cni.com.br)

Autorizada a reprodução desde que citada a fonte.

